

O ANÚNCIO ESCATOLÓGICO DO PREFÁCIO “O DIA DO SENHOR”

Rafael Vieira da Silva do Rosário¹

Resumo

Este trabalho investiga a dimensão escatológica presente no Prefácio O Dia do Senhor do Missal Romano, com foco na vida eterna, parusia e esperança cristã. Objetiva-se investigar como os Prefácios do Missal Romano articulam a escatologia, a partir da identificação dos recursos textuais e simbólicos que expressam os elementos focais do texto, e avaliar seus desdobramentos teológicos e pastorais na experiência litúrgica da assembleia. Espera-se demonstrar que os Prefácios possibilitam a inserção da assembleia num horizonte de vigilância, consolação e compromisso, revelando a liturgia como espaço de antecipação sacramental do Reino.

Palavras-chave: Anáforas. Linguagem simbólica. Esperança cristã.

1 INTRODUÇÃO

Por meio dos ritos, textos, gestos e elementos, a liturgia possibilita aos cristãos celebrarem de forma ativa e consciente a salvação operada pelo Cristo, e celebra com símbolos o conteúdo de sua fé e de sua esperança. Ganha destaque a Celebração Eucarística, lugar onde a comunidade de fé se reúne em torno do Ressuscitado, preferencialmente no primeiro dia da semana para cantar as maravilhas de Deus, ouvir sua Palavra e comer de seu Pão. No coração das Celebrações Eucarísticas estão os Prefácios, textos litúrgicos que, embora breves, condensam de forma ritual e dialogal a fé e o motivo pelo qual aquela comunidade rende o louvor ao Deus Uno e Trino.

Este artigo propõe investigar a dimensão escatológica presente nos Prefácios litúrgicos, de modo especial no Prefácio O Dia do Senhor, observando como eles articulam a salvação já ofertada em Jesus por meio

¹ Bacharel em Filosofia e em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: rafael.rosarium@gmail.com.

de sua Páscoa e a esperança no mundo que há de vir. Através da análise destes textos, procura-se entender como a liturgia, através desses Prefácios, insere a assembleia em um horizonte de vigilância, consolação e compromisso. O objetivo final é demonstrar a importância dos Prefácios com um espaço de antecipação sacramental do Reino, onde o Dia sem Ocaso, se manifesta na experiência litúrgica no aqui e no agora.

2 O “DIA SEM OCASO”: SÍMBOLO ESCATOLÓGICO DA ESPERANÇA

Diante de todas as dificuldades que a vida apresentou ao povo de Israel (invasões, guerras, corrupção política e religiosa, aumento da desigualdade social) surgiu paulatinamente a esperança da vinda de um dia em que tudo isto passaria e que este dia ou tempo não teria fim (Is 60).

O Sábado era a prefiguração deste dia sem ocaso, um dia que prefigurava a eterna comunhão com Deus e com os irmãos. Segundo o hino da criação, Deus descansa, entra em repouso de sua obra no sétimo dia, o Sábado, em hebraico *shabat* (Gn 2,1-3). É um repouso contemplativo e não um repouso ocioso, é um descanso que sente prazer em simplesmente estar com sua criação amada. Por isso, o sábado surge como memorial da Aliança de Deus e de seu amor gratuito (Ex 20,8-11).

Nesta perspectiva de um memorial celebrativo surge também os jubileus (Lv 25). Diante das agitações do dia a dia, o jubileu é uma parada memorial e festiva, que recorda a presença de Deus na marcação do tempo e da história, por tudo que Ele fez em favor de seu povo (passado), renovando sua Aliança e tornando sempre atual o convite à conversão (presente), em vista do que se espera na plenitude do Reino (futuro).

Jesus plenifica a compreensão deste tempo oportuno na sinagoga de Nazaré relendo o profeta Isaías:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar o evangelho aos pobres: enviou-me para proclamar a liberdade aos presos e, aos cegos, a visão; para pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um ano do agrado do Senhor (Lc 4,18-19).

E declara que com ele a espera terminou: “Hoje cumpriu-se esta palavra da Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4, 21).

Nos relatos evangélicos, todas as curas, ensinamentos e gestos realizados por Jesus o testificam como o Ungido esperado da parte de Deus para instauração do Reino. Mesmo assim a tensão escatológica permanece: o Reino de Deus já começou com Jesus, mas ainda não chegou à sua plenitude. Por isso, o jubileu é tempo de esperança: pois ele celebra a salvação que já foi dada em Cristo, e aponta para a possibilidade de um mundo futuro de liberdade, perdão e amor.

Com a Ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana, os primeiros cristãos começam a venerar com respeito este dia e a se reunirem neste dia para fazerem memória do Cristo (At 20,7). Na patrística, os padres da Igreja como Justino de Roma, Ambrósio de Milão e outros vão atestar esta prática e formular em seus ensinamentos que o Shabat da antiga aliança foi substituído pelo *Dies Dominicus* (o dia do Senhor) da nova e eterna Aliança onde Deus recria o cosmos no Cristo. Com Jesus e com sua páscoa, a esperança é renovada: os cristãos passam a esperar a volta de Jesus que promete retornar para levar a cabo a obra da redenção (Ap 22,6-7) instaurando o dia sem ocaso (Ap 21), síntese da fé escatológica quando a criação, que espera ansiosa pela manifestação dos filhos de Deus repousará em paz e em comunhão perfeita de amor com seu Criador de tal modo que nada perturbará esta comunhão (Rm 8,19.31-35). Nessa perspectiva, o dia sem ocaso também é reinterpretado como o Grande Domingo, dia da vitória definitiva sobre o pecado e a morte. Assim, o domingo é o dia por excelência do encontro com o Ressuscitado e com a comunidade reunida para celebrar a vida nova ofertada pelo Cristo.

3 A LITURGIA COMO ESCOLA DA ESPERANÇA

A fé cristã se baseia na Páscoa de Jesus como um todo (paixão, morte e ressurreição), e a ressurreição é o fundamento da sua esperança. Cada texto, gesto, símbolo e rito, mergulha a assembleia no mistério celebrado de

sua fé, porque a igreja celebra ritualmente (*lex orandi*) na fé que ela professa (*lex credendi*), e ela acredita no que ela celebra.

Com o Concílio Vaticano II, na constituição *Sacrosanctum Concilium*, compreendeu-se com maior clareza que toda a liturgia é memorial da Páscoa de Cristo, sendo assim, celebra o que Deus fez em favor da humanidade, e anuncia e antecipa de forma simbólica/celebrativa o Reino de Deus totalmente plenificado.

Assim, a liturgia é antecipação em ato da espera escatológica, pois ela faz memória do passado, tornando-a atual e apontado para o futuro: “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte enquanto esperamos a vossa vinda” (Missal, 2023, p. 617).

A liturgia faz sempre ressoar o Hoje inaugural de Jesus na sinagoga de Nazaré. Seus textos eucológicos corroboram que a liturgia é esta ponte atemporal de acesso ao mistério e à salvação no eterno Hoje de Deus: “Pois o Senhor Jesus, Rei da glória, vencedor do pecado e da morte, ante os Anjos maravilhados, subiu (hoje) ao mais alto dos céus” (Missal, 2023, p. 471); “Hoje a Virgem Maria, Mãe de Deus, foi elevada ao céu. Sinal de inabalável esperança e consolo para o povo peregrino” (Missal, 2023, p. 781); “Ó Deus, que fizestes resplandecer esta noite santíssima com a claridade da verdadeira luz” (Missal, 2023, p. 128)”; “Hoje, na véspera de sua paixão, que haveria de sofrer pela salvação nossa e de todos, ele tomou pão em suas santas e veneráveis mãos [...]”. (Missal, 2023, p. 251).

No Missal Romano, encontramos diversos textos litúrgicos que mostram a liturgia como fonte de esperança. Nos formulários para as missas em diversas necessidades e pelas circunstâncias da vida pública, por exemplo, a Igreja intercede pelas mais variadas situações da vida, inserindo-as no Mistério Pascal de Cristo (para pedir chuva, pelos governantes, pela unidade dos cristãos, pelo fim das guerras). Estes formulários revelam a fé de que Deus se interessa pela humanidade e que a acompanha como Pai Amoroso.

Ainda no contexto da celebração eucarística, esta antecipação escatológica é visível nos elementos celebrativos: todos reunidos num só lugar como irmãos, num só corpo litúrgico e numa só alma elevada a Deus para adorá-lo: reunidos com o mesmo objetivo, comendo da mesma mesa, repartindo os seus bens com alegria. Tudo isso é prelúdio da comunhão eterna com Deus e com os irmãos.

O próprio calendário ou ano litúrgico revela a pedagogia divina: “Distribui todo o mistério de Cristo pelo correr do ano, da Encarnação e Nascimento à Ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor” (Concílio Vaticano II, 1963, n. 102). A liturgia é assim o lugar da cristificação do tempo, do abraçar da eternidade de Deus a finitude humana que promete a participação na sua glória. De modo análogo ao jubileu, a liturgia é uma parada ritual/celebrativa, um tempo oportuno da graça, do perdão, da libertação e que se lança na esperança escatológica: “Orai, irmãos e irmãs, para que o sacrifício da Igreja, nesta pausa restauradora na caminhada rumo ao céu, seja aceito por Deus Pai todo-poderoso” (Missal, 2023, p.448).

4 OS PREFÁCIOS LITÚRGICOS E A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA

No coração da Liturgia Eucarística estão as anáforas ou orações eucarísticas. Por elas, a Igreja se une ao eterno louvor do Filho ao Pai na força do Espírito para render uma ação de graças que seja agradável a Deus. Por elas, louva-se as maravilhas da obra da salvação e torna presente a Páscoa redentora do Cristo (Congregação [...], 2023, p. 34). Por meio de intercessões pela Igreja, pelos vivos e mortos, a Oração Eucarística manifesta a universalidade do mistério pascal que toca todas as realidades da existência. Este louvor não começa de qualquer forma, ele é antecedido por um convite, uma convocação, que dá os motivos pelos quais aquela assembleia reunida prestará uma ação de graças: o Prefácio.

Após apresentadas as oferendas do pão e do vinho, a Igreja se prepara para a grande ação de graças, a oração eucarística. Em sua

dinâmica litúrgica, o Prefácio é um anúncio escatológico da comunidade. Toda celebração eucarística é memorial de todo o mistério pascal de Cristo, contudo, em cada celebração, a Igreja chama a atenção para um aspecto específico do mistério pela qual a comunidade renderá ação de graças (Ferrari, 2022, p. 61). Esta é, como mencionado, a função do Prefácio.

Ele se inicia com um diálogo que manifesta uma profissão de fé:

- "O Senhor esteja convosco; Ele está no meio de nós" - A comunidade, reunida em nome do Senhor, professa que ela mesma já é sacramento da presença real do Emanuel, Deus conosco firmes na promessa de seu Senhor (Mt 18,20);

- "Corações ao alto; nosso coração está em Deus" - É o convite para a comunidade voltar o olhar para o alto, com confiança, esperança e gratidão, em preparação para o que está prestes a fazer;

- Não mais corações, mas um único coração, um único corpo que superou todas as suas divisões e que repousa em Deus como um único povo sob um só pastor (Jo 10,16);

- "Demos graças ao Senhor e nosso Deus; é nosso dever e salvação" - O convite é feito; é o momento de dar graças pelas maravilhas operadas por Deus. A comunidade consente que é seu dever e é sinal de salvação fazê-lo.

Para ilustrar nossa pesquisa tomemos o Prefácio O dia do Senhor:

Na verdade, é digno e justo, é nosso dever e salvação bendizer-vos e dar-vos graças, Pai santo, fonte da verdade e da vida, porque, neste domingo festivo nos acolhestes em vossa casa. Hoje, vossa família, reunida para escutar vossa Palavra e repartir o Pão da Eucaristia, celebra a memória do Senhor ressuscitado, enquanto a humanidade inteira espera o domingo sem ocaso para entrar no vosso repouso. Então contemplaremos a vossa face e louvaremos para sempre a vossa misericórdia. Nesta alegre esperança, unidos aos Anjos e Santos, cantamos (dizemos) a uma só voz (Missal, 2023, p. 482).

Terminado o diálogo inicial, aquele que preside reafirma que ser grato é motivo de salvação. Nesse sentido, o Prefácio revela que, por meio dessa

ação de dar graças, a salvação já está sendo operada: a comunidade é salva na medida em que louva.

Como bússola para o louvor, o Prefácio conduz o motivo da ação de graças daquela celebração: “porque, neste domingo festivo nos acolhestes em vossa casa”. Como memorial vivo e atemporal, o Prefácio dialoga com o passado: “celebra a memória do Senhor ressuscitado”, o torna presente em ato: “Hoje, vossa família, reunida para escutar vossa Palavra e repartir o Pão da Eucaristia” e aponta para o futuro: “enquanto a humanidade inteira espera o domingo sem ocaso para entrar no vosso repouso”.

Neste Prefácio o anúncio escatológico é explícito: é retomada a teologia do Dia sem Ocaso, o repouso definitivo, relida na perspectiva simbólica do domingo, onde “contemplaremos a vossa face e louvaremos para sempre a vossa misericórdia”. Desta certeza brota a alegria e esperança de tal forma que a comunidade rejubila e se une para entoar um hino celeste para a proclamar a glória do Senhor, o Sanctus.

Este hino, extraído do profeta Isaías (Is 6,2-3) e retomado no livro do Apocalipse (Ap 4,8-11), já é o canto daqueles que foram salvos. A assembleia, ao tomar parte neste hino, já participa, por antecipação da glória dos redimidos: “Nesta alegre esperança, unidos aos Anjos e Santos, cantamos (dizemos) a uma só voz”.

A participação da assembleia no Sanctus é um ponto culminante de uma pedagogia litúrgica que o Prefácio já iniciou. A catequese implícita no Prefácio forma a comunidade, levando-os a compreender que a celebração eucarística é um mergulho na pedagogia divina, onde a memória do passado redentor, a presença de Cristo no hoje e a esperança do futuro glorioso se tocam. Pastoralmente, isso fortalece a fé da comunidade, transformando-a de meros espectadores em participantes ativos e conscientes da salvação já operada e na liturgia celebrada. Assim, o Prefácio se torna um instrumento fundamental para cultivar uma esperança escatológica concreta, que motiva a vida cristã e sustenta a comunidade em sua missão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou demonstrar a importância que os Prefácios do Missal Romano possuem, evitando reduzi-los a meros textos introdutórios, mas são verdadeiros anúncios escatológicos, que nutrem e expressam a esperança cristã. Ao longo deste estudo, pôde-se perceber como a liturgia, por meio de sua dinâmica, de seus textos e ritos, age como uma escola da esperança, transformando a fé em uma experiência concreta no hoje.

Ao nos determos na análise do Prefácio O Dia do Senhor e dos demais elementos litúrgicos revelou a dinâmica atemporal entre o passado redentor de Cristo, o presente da celebração e a antecipação do futuro glorioso. O Domingo, reinterpretado como o "Dia sem Ocaso", emerge como o símbolo maior dessa esperança, onde a comunidade já participa, de forma sacramental, da glória que virá. Ao elevar o coração, a assembleia rompe com as divisões e se une em um único corpo que, no canto do Sanctus, já entoia o hino dos redimidos, antecipando o Reino em sua plenitude.

Assim, a liturgia eucarística, e, em particular os Prefácios, revelam-se como um espaço de vigilância, consolação, esperança e compromisso. Ela não apenas recorda a salvação já operada, mas também é sustento na caminhada, motivando uma vida de fé ativa e consciente. Ao celebrar, a Igreja anuncia a sua fé em Cristo, que já redimiou tudo e que voltará. Assim, ela vive a certeza de que a promessa do Reino já se faz presente no "Hoje" da assembleia reunida.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. 2 ed. Tradução: CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia. [S.l.], Libreria Editrice Vaticana, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_en.html. Acesso em: 22 set. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS.

Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: Edições CNBB, 2023.

FERRARI, Matteo. *A Oração Eucarística: uma obra reaberta pelo Concílio*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2022. (Vida e Liturgia; v. 7).

MISSAL Romano; tradução portuguesa da 3.ed. típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 2023.

SILVA, Jerônimo Pereira. *Formação Mistagógica da Celebração Eucarística a partir da 3ª Edição Típica do Missal Romano*.